



**UnB – Universidade de Brasília**

**Disciplina: Monografia em Literatura**

**Professora/orientadora: Adriana de Fátima Barbosa Araújo**

**Aluno: Attila Blacheyre**

**Matrícula: 07/44417**

## **O MARCO HISTÓRICO LITERÁRIO DA NOSSA BRASILIDADE**

### **INTRODUÇÃO**

Os três autores referenciais abaixo citados são literatos e daí provém o viés literário da sua crítica. Convém, todavia, iniciar este trabalho mencionando a importância histórica desta obra de Basílio da Gama. O Sul do Brasil, bem como as nações do Rio da Prata – Argentina, Paraguai e Uruguai – apresentam um modelo agrário mais favorável às pequenos proprietários descendentes de indígenas. A própria manutenção da língua guarani, falada também por muitos brancos, atesta certa preservação da cultura indígena. Assim a colonização jesuíta que proporcionava um mínimo de cidadania aos povos da terra parece ter deixado raízes. Feita esta consideração, vamos à análise literária:

Antônio Cândido, Adolfo Hansen e Ivan Teixeira forneceram o suporte teórico para a elaboração desta monografia. O tema do épico *O Uruguai* veio até nós pela voz dos vencedores; índios e jesuítas certamente viam a questão da colonização de maneira muito diversa. A abordagem histórica é de suma importância para o entendimento da obra de Basílio da Gama. O universo da

Companhia de Jesus e dos índios guaranis a ela associados não era de fácil observação pelos portugueses, espanhóis e europeus em geral. O chamado “império dentro do império” era hermético no sentido de se fechar a outros ocidentais que não os inicianos. Não é difícil imaginar que, se a obra dos jesuítas tivesse continuidade, haveria grande expansão dos povos indígenas da região, tanto em número quanto em técnicas agropecuárias, militares e talvez industriais. A exemplo de outras iniciativas contrárias ao poder central, como a dos Quilombos dos Palmares e a de Canudos, também esta foi sufocada antes de se consolidar como advertência para outras partes da América do Sul.

Um dos méritos e, ao mesmo tempo salvo conduto, dos três autores citados está em, mais distanciados do fato, abordar o épico e o seu cenário também pela ótica dos vencidos, na medida em que se pode voltar no tempo e na história e se pôr no lugar daqueles que foram silenciados. As três análises buscam trazer não a justiça, pois já é tarde demais, mas uma correta visão histórica muito válida para as questões ainda pendentes entre nações e povos.

Quanto à parte de análise crítica da obra, Antônio Cândido, na sua obra *A dois Séculos do Uruguai*, ressalta que tanto o autor do Uruguai quanto a sua obra permaneceram inicialmente num quase anonimato. Só a réplica do padre jesuíta Lourenço Kaulen acabaria por divulgar o épico. Assim, segundo Cândido, a crítica do padre jesuíta acabou por sortir efeito oposto ao desejado e chamaria a atenção para o épico. Também são ressaltadas as muitas influências a que Basílio da Gama ficou exposto: jesuitismo, iluminismo (viria daí o tom laico da obra?), arcadismo e a amizade com militares de destaque, como o brigadeiro Alpoim e os filhos deste. Tudo isto permeado pela evolução político-histórica da época.

A ressalva maior de Cândido ao épico está em que não existe harmonia e sim conflito entre os dois eixos da obra. A consequência é a indefinição do seu verdadeiro propósito. O eixo mais evidente – e por isto mais superficial – é o do confronto de portugueses e espanhóis contra os jesuítas e os índios guaranis. O grande problema está em que este primeiro conflito não propicia cenário para o conflito mais profundo: o embate entre o colonialismo europeu e

a resistência dos índios e outros povos aqui aclimatados. Na verdade tanto jesuítas quanto portugueses e espanhóis desejavam tomar a terra e dominar os índios; diferiam apenas nos métodos.

João Adolfo Hansen em *Comentário sobre a Crítica Literária Épica* chama a atenção para o fato de que o princípio burguês da mais valia e da livre concorrência toma o lugar ao cenário heroico. Como obra precursora do Romantismo, o épico *O Uruguai* teria conseguido, em certa medida, executado o trabalho “arqueológico” de reviver o princípio heroico. “Arqueológica” também seria a apreensão da visão de Basílio da Gama e do cenário descrito por ele. Hansen ressalta também o princípio da obediência (coisa muito natural para alguém que busca a proteção de um poderoso). Esse princípio transcenderia a conjuntura da época, pois também obedeceria ao modelo da epopéia clássica. O autor segue um padrão e, ao mesmo tempo, procura ser mais criativo que os precursores do gênero.

A obra em si refletiria, segundo Hansen, um jogo de forças (todas elas em transformação): um jesuitismo dogmático e geocêntrico à procura de uma autocracia; uma aliança superficial entre portugueses e espanhóis que oculta a profunda rivalidade da disputa pelas terras do novo mundo; um iluminismo antagônico ao clero e afirmador da autonomia do homem que, assim, propiciaria a emancipação do brasileiro e, pelo menos em teoria, também a do índio. Por fim, a obra é embrião não só de uma brasilidade, mas de um sentimento da afirmação e amor por todo o continente.

Ivan Teixeira chama a atenção para as circunstâncias em que a obra foi escrita (com pressa). Ele enfatiza a alegria, a liberdade e a concisão. A própria juventude de Basílio da Gama e o seu conhecimento ainda incipiente sobre os moldes da epopeia clássica contribuiriam para a maior liberdade no modelo de epopeia usado no *Uruguai*. Essa fuga dos padrões clássicos acabaria, segundo Teixeira, sendo o grande mérito da obra, mas criaria ao mesmo tempo o questionamento se afinal essa obra seria de fato uma epopeia ou uma precursora do romance.

Teixeira nos mostra também a forma hábil com que Basílio da Gama fala do sobrenatural: o elemento fantástico não agride o princípio cristão e

tampouco o iluminista: é num sonho que Cacambo recebe a instrução de colocar fogo em volta do acampamento dos invasores; é numa visão mística que a nigromante Tanajura tem visões do terremoto em Lisboa e da reconstrução por Pombal.

Segundo os autores acima mencionados, o jogo geopolítico do poder apresentava rápidas mudanças na época em que Basílio da Gama escreveu O Uruguai. A morte do rei português Don Sebastião na batalha de Alquacer-Quibir deixara Portugal sem herdeiros e disso resultaria uma reunificação da península ibérica. A volta da monarquia portuguesa marcaria época de bom entendimento com a coroa espanhola nos escalões mais altos dos dois reinos, porém a desconfiança mútua permanecia nos níveis mais baixos da política e nos respectivos exércitos. A luta entre o Marquês de Pombal e a Companhia de Jesus também dividiria as opiniões entre católicos mais fervorosos de um lado e progressistas-iluministas por outro. A isso se acrescenta o despertar de um sentimento nativista-nacionalista. Uma das provas de como o contexto era indefinido é bem demonstrada pela desistência do general Gomes Freire de Andrade em permanecer nas terras que conquistara de maneira tão sangrenta. As indefinições políticas das cortes espanhola e portuguesa também resultam numa descontinuidade na política de colonização.

## **ANÁLISE DO CAPÍTULO *A DOIS SÉCULOS DO URAGUAI* DO LIVRO *BRIGADA LIGEIRA E OUTROS ESCRITOS* DE ANTÔNIO CÂNDIDO**

O pombalismo – vocábulo que, em si, já expressa a importância histórica de Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal – foi fenômeno político de breve duração (1750-1777) época em que foi secretário do reino do monarca Don José I. Não cabe aqui rastrear como um homem da baixa nobreza conseguiria, pelo seu gênio e capacidade de articulação, se sobrepor ao próprio rei no tangente à política de Portugal. O fato da política de Pombal ser desfeita por uma revolução lusa chamada “Viradeira” não diminui o peso de suas decisões no Sul da América do Sul. Pombal passou; os jesuítas continuaram, mas sem aquele perigoso poder de “império dentro do império”. Um homem, independente de sua grandeza, nunca fala exclusivamente por si, mas por uma época. Pombal, déspota esclarecido, representa o iluminismo. Neste sentido, Basílio da Gama, homem de profunda intuição, não buscava apenas a tutela do homem forte, mas também se ajustava à nova época. Sobre esse autor vejamos a opinião de um grande crítico literário dos nossos dias:

Antônio Cândido, no capítulo *A dois Séculos d'O Uruguai* do seu livro intitulado *Brigada Ligeira e Outros Escritos*, começa por análise biográfica de Basílio da Gama e, conseqüentemente, busca o discernimento dos motivos que levaram esse autor a compor *O Uruguai*. Segundo Cândido a tarefa não é fácil devido à pouca documentação historicamente comprovada sobre José Basílio da Gama Vilas Boas, pois esse autor não nasce ilustre, e boa parte de sua vida transcorre no anonimato. De acordo com ele, o documento mais extenso sobre o criador *d'O Uruguai* e da própria obra vem de uma contestação à mesma, escrita pelo padre jesuíta Lourenço Kaulen, na sua *Resposta Apologética ao Poema Intitulado O Uruguai*. Trata-se de contestação à obra e conseqüente defesa da ordem inaciana, defesa esta aliás muito justa, segundo Cândido.

De acordo com Cândido, Basílio da Gama, mesmo descendente de pessoas com certo destaque social, não pertence à elite da época. Muito cedo perde o pai e o amparo. Precisa da ajuda do Brigadeiro Alpoim (que mais tarde

participaria da campanha no Sul, junto com dois filhos). Dessas amizades certamente viria a faceta militarista da obra. Basílio estuda em colégio jesuíta no Rio de Janeiro, até que o conflito entre os inicianos e o Marquês de Pombal resulte na proscrição da ordem nos domínios portugueses (aí já vemos três dos quatro elementos humanos da sua obra: militares, jesuítas e a política pombalina. O índio viria mais tarde). De acordo com Cândido ao deflagrar o expurgo aos jesuítas o Estado promete não punir os que se desligassem da ordem, mas, na prática, aqueles mais profundamente envolvidos com o jesuitismo correm o risco do degredo. O autor ressalta o fato de que Basílio da Gama continua no Rio e lá termina seus estudos até que suas ligações literárias o levam para Roma, onde fica de 1760 a 1767 e fez parte da Arcádia Romana, onde recebe o nome de Termino Sipílio. A influência dos mestres italianos é clara na sua obra, até pela menção, no poema, a Michele Giuseppe Morei, presidente da instituição, pois para Cândido é clara a sua transfiguração no personagem Mireu d'O Uruguai. O autor cita também o padre Lourenço Kaulen e a afirmativa deste de que Basílio é acolhido e amparado pelos padres jesuítas e pode tomar conhecimento de vários aspectos da colonização do país. De acordo com tal análise ficam claras duas influências: a Arcádia Romana e os colégios jesuítas, e a elas se acrescenta, como já mencionado, sua ligação com os militares. Em 1767 Basílio está de volta ao Rio, mas sua antiga ligação com a então proscrita ordem jesuíta resulta no seu envio como prisioneiro para Lisboa. Aguardavam-lhe oito anos de degredo em Angola, porém a amizade com o conde de Oeiras, futuro marquês de Pombal, livra-o da condenação e lhe proporciona certo prestígio na corte portuguesa. Cândido chama a atenção para o fato de que já em 1779 é escrito o poema *Epitalâmio da Excelentíssima Senhora Dona Maria Amália* por ocasião do casamento da filha do conde; assim como Camões, Basílio da Gama também corteja os poderosos. Kaulen é novamente citado devido à sua afirmativa de que nessa ocasião também é escrito O Uruguai a pedido de Pombal e com as devidas instruções a respeito. Segundo Cândido há outros documentos antijesuíticos à época e, nesse sentido, a obra de Basílio da Gama se enquadra dentro do esforço institucional na luta contra os jesuítas e o autor d'O Uruguai surge assim como um executor da vontade política da época. Cândido ressalta também o fato de que o ele vive doravante em Portugal, onde é nomeado

Oficial da Secretaria do Reino. O prestígio não advém, segundo a análise, apenas desse cargo, pois há documentos históricos demonstrando que o autor d'O Uruguai é confidente e conselheiro de pessoas importantes.

Antônio Cândido chama a atenção para a derrocada política do marquês de Pombal, a “Viradeira”, que ocorre em 1777. Segundo ele, o meio literário se volta em peso contra o déspota esclarecido, todavia Basílio da Gama desta vez não se insurge contra o seu antigo senhor; ele se mantém fiel a Pombal e lhe escreve dois sonetos, talvez corridos de mão em mão. Cândido ressalta que os descendentes de Pombal confirmam esta fidelidade. Segundo ele, ao contrário do que ocorrera com a ordem dos jesuítas, a queda do marquês não resulta em perseguição aos seus seguidores, pois até pombalinos muito mais importantes que Basílio, como o ministro Martinho de Melo e Castro, não caem em ostracismo pela “Viradeira”.

De acordo com Cândido, Basílio da Gama fala sobre o Novo Mundo estando, ele próprio, distante desse Novo Mundo até a morte relativamente jovem, aos 54 anos. É endossado seu amor pela América que o leva ainda a escrever o poema *Quitúbia*, novamente uma questão tangente às empresas coloniais, desta vez enfocando a resistência africana à opressão dos europeus. Cândido afirma ser este poema de péssima qualidade, mas com um recorrente nobre propósito: defender os povos oprimidos. Segundo ele também o louvor ao líder indígena peruano Tupac Amaru também vai por este caminho, o da resistência armada à colonização espoliadora. Se alguma dúvida existia sobre a intenção de Basílio da Gama em escrever rapidamente O Uruguai (proteger-se atacando os inimigos de Pombal, ou defender os povos indígenas?) essa dúvida é resolvida por *Quitúbia* e pelo soneto a Tupac Amaru. Cândido mostra claramente que defesa de si mesmo por parte de Basílio da Gama é, portanto, circunstancial, enquanto a defesa dos oprimidos surge como bandeira de toda uma vida.

Para Cândido o tema d'O Uruguai é histórico e relacionado à divisão de terras na região do atual Rio Grande do Sul, no Uruguai (antiga colônia de Sacramento) e em parte da Argentina. Segundo ele, a dinâmica histórica gira

em torno da partilha territorial entre portugueses e espanhóis propiciada pelo Tratado de Madrid, celebrado em 1750.

De acordo com o autor, essa questão histórica de cunho geopolítico se torna mais complexa pela presença das missões jesuíticas na região e a consequente organização e fortalecimento das comunidades indígenas. Cândido mostra que – ao contrário do que se vê nos *Lusíadas*, onde o paganismo do inimigo proporciona salvo conduto para qualquer ação do colonizador branco – agora o não-branco é também cristão, além do dono primordial daquela terra.

De acordo com a análise, no tangente à questão política, o modelo de comunidade implantado por esses religiosos proporciona certa autossuficiência aos povos que a ele aderem e, por decorrência, não favorece a arregimentação de mão-de-obra barata e abundante pelos colonizadores. A própria Ordem de Inácio de Loyala Brandão se subordina ao Papa, mas nem tanto à Espanha e a Portugal. Para o autor, o internacionalismo dos jesuítas se afigura a portugueses e espanhóis como um “império dentro do império”, cada vez mais forte e organizado (até militarmente), realidade evidenciada pela derrota da primeira expedição contra os povoados, mesmo que Gomes Freire atribua o fracasso às enchentes. Ademais, segundo Cândido, os jesuítas incomodam tanto aos estadistas do absolutismo ilustrado quanto aos intelectuais partidários das idéias novas. A própria ordem se vê dividida entre a sua política interna, a obediência aos reis e a dedicação aos povos da terra. Atacados por fora e divididos por dentro, resta o fato de que no Sul do continente ocorre a implantação de uma sociedade mais justa (ou menos injusta) e mais fiel aos princípios do cristianismo. Segundo Cândido, a diferença entre o tratamento dado aos índios pelos jesuítas e as demais formas de colonização nas Américas salta à vista.

O capítulo *A dois Séculos dO Uruguai* da obra *Outros Escritos* de Antônio Cândido relata que a segunda campanha militar de portugueses e espanhóis põe fim à administração pelos jesuítas e desarticula em grande medida o modelo implantado por eles. É interessante chamar a atenção para a observação de Cândido de que o grande personagem do lado branco – o



general Gomes Freire de Andrada, também governador do Rio de Janeiro e de Minas Gerais e Comissário de Demarcação do lado português – acha desaconselhável trocar a Colônia de Sacramento por região tão conturbada. Ele se retira vitorioso (suas lutas no Sul lhe gorjeiam o título de Conde de Bobadela). É acompanhado de milhares habitantes da região, agora desnorteados.

Ao se transpor o raciocínio de Cândido para o presente, duzentos anos depois, vale observar que, naquela região, predominam as pequenas propriedades rurais muitas, vezes pertencentes a caboclos, onde em geral se pratica a agricultura familiar; assim tanto a etnia quanto o modelo agrário testemunham certa continuidade do modelo jesuítico, ao contrário de outras regiões do Brasil dominadas pelos latifundiários brancos. O bilinguismo português-guarani do Paraguai também parece apontar para certa resistência da cultura indígena na região.

Quanto à questão estética, de acordo com Cândido, O Uruguai intercala versos mal elaborados com outros de imperecível beleza. Essa dicotomia também ocorreria, segundo ele, entre os cantos, pois o canto V seria mal elaborado por ter sido feito às pressas. A boa tessitura da obra está, segundo ele, presente do canto I até o canto IV. O último canto seria portanto algo fora do encadeamento e, do ponto de vista estético, algo enxertado na obra.

Segundo Cândido, o intervalo de dois séculos entre a composição da obra e a sua leitura atual não diminuíram o prazer em fruí-la, pois a rapidez e variedade da ação, bem como a força dos personagens, a tornam permanentemente interessante. A isso se acrescenta as formas e ritmos da narrativa. O autor também pondera que Basílio da Gama nada tinha de escritor oficial seguidor de regras e cânones da poética. Cândido afirma que O Uruguai não é propriamente de uma epopeia e sim um romance de aventura narrado em versos. O tema maior é o do encontro de povos e culturas que não se entendem e o decorrente conflito, trágico para os índios.

Segundo Cândido, esta é a essência dos cinco cantos:

Canto I: Encontro das tropas espanholas com as portuguesas. O general Gomes Freire conta ao líder espanhol em que medida os jesuítas são obstinados e pérfidos. Fala também sobre as enchentes, motivo alegado para a retirada da campanha anterior. Já neste conto se afirmam os constituintes fortes da obra: cores e movimento (batalhões), abundância de águas (elementos).

Canto II: O exército se aproxima dos índios. Os líderes indígenas Sepé e Cacambo procuram o diálogo. Os dois lados expõem suas razões. As de Gomes Freire são as razões institucionais, razões de Estado, não inerentemente justas e humanas, como as dos dois líderes indígenas as quais parecem emanar de uma pureza e integridade naturais, mas, ao mesmo tempo mostram uma abstração e amplidão de pensamento iluminista. Esgotados os recursos, começa a luta narrada em tom grandioso e heroico e que culmina com a derrota e retirada dos índios. A situação dos jesuítas vencidos permanece vaga, talvez propositalmente. Afinal foram eles dizimados, aprisionados ou fugiram com os índios?

Canto III: O líder indígena Cacambo sobrevive à escaramuça e num sonho é inspirado a atear fogo em volta do acampamento dos portugueses e espanhóis. Gomes Freire consegue livrar sua tropa das chamas. De volta à aldeia Cacambo é preso e morto pelo pérfido padre Balda o qual maquina transferir a chefia e a esposa do líder indígena a seu próprio filho sacrílego Baldata. Lidoia, a viúva desconsolada, busca a ajuda da feiticeira Tanajura que induz à visão do terremoto de Lisboa e também à visão das conspirações dos jesuítas e a expulsão destes.

Cândido ressalta a importância dada aos elementos terra, água, fogo e ar, uma constante na obra. Se a narrativa começa com o relato de como a água (das enchentes) foi o obstáculo à primeira expedição, ela termina com o relato de como os índios tentaram deter o avanço dos militares através do fogo. O fogo surge novamente como elemento simbólico, espécie de auto de fé, ao queimar viva a nigromante Tanajura (consideremos o canto V como enxerto apressado na obra). Também a terra em seus mistérios e magnificência e o ar com sua fluidez e liberdade estão sempre presentes na narrativa. O elemento

terra sustenta uma natureza muito diversa da europeia; é também a fonte de riquezas minerais e agrícolas disputadas entre seus defensores e os europeus. Segundo Cândido tanto os acidentes geográficos quanto os verdadeiros nomes dos lugares são transmutados pela linguagem poética de Basílio da Gama que, assim, desconstrói um cenário real para erigir um mundo mítico mais apropriado à poesia dessa epopeia.

Canto IV: a análise da obra mostra que ocorre a superposição de dois ápices: de um lado o exército luso-espanhol finalmente se prepara para o ataque final após árdua campanha; da parte indígena e jesuítica ocorrem as pompas militares e os preparativos para o casamento de Lindoia e Baldata. A jovem, todavia, foge para o bosque e busca a morte pela picada de uma serpente. A elevação do personagem real Cacambo à condição de grande líder, assim como a criação da personagem fictícia Lindoia, propiciam o ápice do drama e seu momento mais belo. Na aldeia todos fogem ante a chegada dos brancos, isso depois de incendiar as casas e a igreja em cujos destroços Gomes Freire entra desolado para, dentro desse lugar supostamente santo, testemunhar a perfídia dos padres expressas nos desenhos que resistem ao incêndio.

Canto V: É, segundo Cândido, o pior de todos pela evidente pressa na sua composição. O tema central é o da pintura no teto da igreja incendiada, estas imagens seriam a representação do desejo de formação de um império jesuítica e de seus supostos crimes e desmandos. Na sequência da campanha o general vai atacar novamente os índios na aldeia seguinte. O ritmo heroico é quebrado por cena burlesca em torno do Irmão Patusca. O poema é salvo por peroração que redime a falta de qualidade de sua estrutura, assunto e linguagem.

De acordo com o autor de *A dois séculos d'O Uruguai* a obra não se enquadra no gênero de epopeia pela brevidade de sua narrativa e também por ser relativamente atual. A épica pressupõe maior distância, até para facilitar a criação do mito, este frequentemente contestado pela historiografia (é verdade que Basílio da Gama procurou soluções como, por exemplo, não situar geograficamente os lugares, mas torná-los mais nebulosos ao usar expressões

como “altos montes”, “verdes vales”, “grandes águas” etc.). O espaço para a sátira e o burlesco também é contrário à estrutura da epopeia. Para ele a obra é mais um poema narrativo entre o épico e o político cujo tom terno e heroico enobrece o índio. O estilo algo jornalístico da obra garantiria sua duração no mundo contemporâneo. Assim a pressa da composição teria livrado Basílio da Gama dos rígidos ditames da Poética. O poema é de fato a arte do equilíbrio entre o histórico e o ficcional. A chamada descaracterização criadora mistura personagens reais e fictícios, funde acontecimentos, muda o significado de fatos e ações. Ao se passar o concreto para segundo plano dá-se espaço ao imaginário mais durável e belo.

Para Antônio Cândido há um encontro entre o poeta e o assunto e disso resulta um novo foco. De um lado há um general português a celebrar e do outro jesuítas e denegrir e o pretexto para esse confronto é o índio que, apresentado de maneira nobre, acaba se tornando o tema central e, assim, salva o poema. O próprio militar enaltecido acaba se equiparando aos jesuítas como perturbador da ordem natural. Os versos que abordam a polêmica antijesuítica são esteticamente ruins e, assim, periféricos. O centro da obra é, na verdade, o encontro de culturas apresentado no canto II pelo diálogo entre Gomes Freire e os caciques Sepé e Cacambo. De acordo com o autor, uma obra pode ter mais de um eixo e se beneficiar com isso. A falha de *O Uruguai*, “belo e mal composto” está em que os dois eixos se conflitam e causam hesitação quanto aos efetivos propósitos. O confronto entre os inácianos e militares foi o ponto de partida, porém o eixo mais interessante foi o embate entre a cultura dos brancos e a dos índios, base da civilização brasileira juntamente com a contribuição africana. O problema está em que o conflito das coroas portuguesa e espanhola com a Companhia de Jesus não apresenta encadeamento harmônico com o conflito maior: o confronto entre a colonização europeia e a resistência indígena. A obra de Basílio da Gama cria as bases do nosso indianismo. A dicotomia enriquecedora entre brancos e índios usa a técnica do contraponto: oficiais enfrentam caciques; pelotões fardados de azul e amarelo lutam com guerreiros guaranis ornados com penas amarelas e azuis; o uniforme vermelho dos granadeiros contrasta com a plumagem rubra dos

tapes de Caitetu. O cenário é rico em cor, volume e movimento. O paralelismo *inter paris* enobrece os índios.

Ainda segundo Cândido, obra revela um autor mais voltado aos aspectos históricos, culturais e sociológicos da época do que um homem profundamente religioso e defensor de dogmas cristãos.

# João Adolfo Hansen

## Comentário sobre a Crítica Literária Épica

Segundo João Adolfo Hansen, a função consagrada da epopeia consiste em falar da virtude, coragem, soberania de um povo, estas encarnadas nos personagens do relato. Isso até o surgimento do princípio burguês da mais valia e da livre concorrência no século XVIII, já que a partir daí o valor do dinheiro se sobrepôs ao do heroísmo. O Romantismo teria tentado reviver a epopeia nos séculos XIX e XX, mas sem grande sucesso. A pesquisa do autor é portanto algo “arqueológica” no sentido de descobrir traços da epopeia no Uruguai. Trata-se portanto de se tentar situar no passado e lá encontrar referenciais. O gênero nasce num berço greco-romano, é influenciado pelas várias épocas do cristianismo e minguia com o surgimento da burguesia.

Para Hansen o princípio da obediência à autoridade (difusa) do Estado é um dos norteadores da epopeia; os autores respeitam metódica e ordenadamente a voz da autoridade assim excluem o expressivismo e o psicologismo; as normas são coletivas e objetivas na noção de obra. O modelo pré-estabelecido impõe parâmetros, assim a narrativa gerada deve ser vista como boa imitação, imitação não no sentido de repetir os fatos, mas de emulá-los em espécie de competição de engenhosidade. Há portanto que se distinguir o épico surgido das névoas da História ou da noite dos tempos do épico escrito em época documentada. No primeiro caso se enquadram a *Ilíada* e a *Odisseia* no Ocidente, bem como o *Mahabharata* e a *Epopeia de Gilgamesh* em Índia e Mesopotâmia. Um relato oral à roda de fogueira de acampamento apresenta estrutura necessariamente diversa da de uma história escrita para leitores desconhecidos. Em ambos os casos, porém, busca-se chegar à dimensão universal do homem para, a partir dessa fonte, situá-lo novamente no mundo; desta vez orgulhoso com sua origem heroica. Permanece todavia a diferença de que no passado remoto a autoria é difusa ou totalmente desconhecida, enquanto nas épocas históricas são conhecidos os autores e, só na época moderna, são concedidos direitos autorais.

Segundo Adolfo Hansen, o modelo da emulação é cumulativo, ou seja, cada versão de epopeia não só segue parâmetros do relato do mesmo povo, mas por sua vez, também oferece as bases para narrativa seguinte. Assim se não sabemos os motivos que levaram Homero à narrativa (alguns historiadores supõem que Homero na verdade foi a personalização de muitas narrativas de vários rapsodos) o fato é que este autor, ou síntese de autores, era obediente a parâmetros bem estabelecidos. Um homem foi, portanto, tornado o arauto de muitos autores hoje anônimos. Esse parece também o caso das epopeias pré-históricas, pois não existem bases suficientemente sólidas para sabermos quem, em que ambiente e condições foram produzidas tais obras. Claro está que enaltecer as origens e os poderosos sempre resultava em benefícios aos cumpridores talentosos dessa tradição. Fugir disso seria inépcia ou liberdade poética. Também de acordo com Hansen, a oposição entre oralidade e leitura é bem clara no caso da *Ilíada*. Ele cita os helenistas Georges Dumézil, Jean-Pierre Vernant e Jesper Svenbro nas suas respectivas obras, intituladas *Mythe et épopée [L'idéologie des trois fonctions dans les épopées des peuples indo-européens; II. Types épiques indo-europeens: un héros, un sorcier, un roi: III. Histoires Romaines]*, Paris, Gallimard, 1995; Jean-Pierre Vernant, *Les origines de La pensée grecque* Paris, PUF, 1969; Jesper Svenbro, “La Grèce archaïque et classique: l'inversion de la lecture silencieuse”, em Guglielmo Cavallo & Roger Chartier, *Histoire de la lecture dans le monde occidental*. Paris, Seuil, 1997. A narrativa se dava portanto pela “palavra eficaz” transmitida pela oralidade, oralidade esta que caminharia por muito tempo junto com o surgimento da escrita a qual a subsidiou. Dumézil ainda chama a atenção para as três funções indo-europeias dos poemas épicos e sua ideologia baseada na superposição de três forças: soberania, força e fecundidade, estas em perfeita harmonia. Este princípio trino parece ter natureza arquetípica, pois aparece em diferentes épocas e culturas. O núcleo, segundo Hansen, é a função guerreira à qual se associam soberania e fecundidade. A poesia de uma epopeia deve se assemelhar à matéria histórica no que tange à guerra e a seus principais protagonistas, todavia não pode ser idêntica, sob o risco de deixar de ser poesia. Trata-se do “artifício verossímil”, pois se a história é coisa representada, a poesia é coisa representante. O que se busca é o prazer da surpresa e o espanto pelo cotejamento.

Ao comentar o estilo da épica luso-brasileira do século XVIII Hansen afirma ser O Uruguai o melhor poema do gênero epopeia devido a seu estilo simples grave, áspero e vigoroso para falar sobre as coisas grandiosas. Ainda segundo o autor, a intenção seria a de subordinar as possibilidades do épico à realidade histórica. Nesse caminho a tragicidade é substituída do sobrenatural e do sublime. A perspectiva de Basílio da Gama era muito diversa daquelas dos autores de outras épocas. A própria visão de um homem do clero é forçosamente diferente da de um militar viajante, como o foi Camões. Ele não lutava apenas pelo reconhecimento de uma obra e sim pela sua própria preservação. Provar o seu não-jesuitismo surgia como a necessidade imediata diante de um Portugal pombalino. Se ambos os autores foram inicialmente movidos por interesses próprios isso não significa que, em dado momento, a criatura começasse a reger o criador. À medida que a construção dos épicos ganhava corpo, surgiam também novas perspectivas, novos valores, a percepção da grandiosidade que o mito tem na alma humana.

Para o autor, Basílio da Gama ficou claramente dividido entre o mundo euro-cristão e o novo mundo ao sul do nosso continente. A época era de antagonismos em diferentes planos: renovação contra o tradicionalismo; religião contra ateísmo (iluminismo); empirismo contra escolástica; liberdade contra subordinação. Não havia portanto no Brasil uma unidade espiritual e ideológica. Se a intenção do criador de O Uruguai era a de apoiar um império consolidado em luta com um suposto novo império (o dos jesuítas), o resultado acabou sendo uma obra que deu ao índio a condição de guerreiro nobre e à altura do soldado português ou espanhol. A própria pureza e ingenuidade dos índios no trato com os jesuítas atestava essa nobreza original. A vitória final dos brancos só oferece uma solução superficial para a questão. É dado indulto aos índios sobreviventes, mas fica bem claro que jamais recuperariam sua antiga grandeza, sua liberdade.

Ainda na obra *Épicos* Adolfo Hansen fala da importância do princípio guerreiro de um povo e de sua ação heroica. No mito antigo ocorre a fusão homem-divindade (invulnerabilidade de Aquiles, de Sansão e de Siegfried) ainda que com o toque da mortalidade permitida pelo ponto vulnerável. O herói mítico é um quase deus humanizado pela morte. Ele também não é regido pela



moral cristã, supostamente piedosa, pois o grande mérito de um Aquiles era o de matar a muitos inimigos. No Uruguai o herói cristão é generoso; propõe a paz (por submissão), alerta para a perfídia dos jesuítas, fala de um mundo melhor... Onde os índios não seriam mais os donos das terras ancestrais. Gomes Freire de Andrade termina piedosamente sua empresa regada a sangue. Os relatos históricos sobre a campanha mostram que, nos confrontos, a superioridade bélica dos portugueses e espanhóis era esmagadora, na proporção de uma dezena de soldados mortos para um milhar de índios massacrados.

Hansen nos mostra que o poema *O Uruguai* resulta de diferentes níveis de realidade histórica. No âmbito das coroas portuguesa e espanhola há uma rara harmonia entre os monarcas das duas nações todavia não extensiva aos vários escalões governamentais das duas nações. Os próprios exércitos executam manobras conjuntas e lutam contra os mesmos adversários, porém a rivalidade e desconfiança entre os militares portugueses e espanhóis é perceptível. A Companhia de Jesus surge como um poder paralelo e multifacetado: por um lado ela é branca, cristã e europeia tal qual os exércitos invasores, por outro lado os jesuítas representam um poder paralelo e a pretensão de um novo império, o qual não quer compartilhar as riquezas da terra e, tampouco, ceder mão-de-obra escrava indígena, pois o sistema de exploração inaciana proporciona um mínimo de dignidade aos índios por meio de técnicas agropecuárias. O complexo jogo de poder entre portugueses, espanhóis, jesuítas e índios cria um cenário rico e dramático para a progressão da epopeia que acaba por chegar a algo novo: o enobrecimento do índio e as bases de um futuro nacionalismo.

Cabe observar diante, dessas considerações de Hansen, que o princípio burguês da mais valia é hoje cada vez mais contestado no bojo de um capitalismo que cada vez mais parece um monstro autodevorador ao propor um crescimento infinito num planeta com recursos limitados e, em certa medida, já esgotados. A História segue portanto na sua progressão circular ou aspiralada na alternância de valores.

Outra coisa clara (principalmente na indústria cinematográfica) é a busca das raízes míticas e heróicas do Ocidente. O reavivamento da epopeia parece contraponto ao princípio burguês junto ao medo provocado pelo despertar do Oriente no sentido de se também procurar o poder pela ciência e tecnologia.

# **Ivan Teixeira Sobre O Uruguai em**

## ***Para uma Leitura Sincrônica dO Uruguai e em***

### ***Obras Poéticas de Basílio da Gama***

Convém se observar que, a dois séculos, a palavra escrita já torna-se de acesso mais fácil e número crescente de leitores. A ponte entre a epopeia e o romantismo é facilitada pela confluência de várias visões de mundo. A divulgação por jornais, panfletos, literatura de cordel e outros meios fornece suportes variados, daí também maior variação e intertextualidade entre os gêneros. A palavra escrita segue ganhando terreno sobre a falada. Outra diferença entre O Uruguai e seus antecessores está em que ele foi criado em meio a complexo jogo de forças, ao passo obras épicas mais antigas atuavam como a voz de um povo que proclamava a sua glória. Algo muito contemporâneo e *suis generis* nesta obra é a aproximação entre o mítico-heróico com a razão iluminista.

Ivan Teixeira, ao comentar O Uruguai de Basílio da Gama, ressalta outros elementos inovadores desta obra: a liberdade alegre, a concisão e jovialidade da narrativa. O menor conhecimento de poética do autor, somado à pressa em terminar a obra, também contribuiu para afastar a obra dos moldes clássicos do Arcadismo e aproximá-la do Romantismo indigenista e nacionalista. Basílio mostra de fato liberdade e experimento incomuns à época. Segundo Teixeira “Ninguém ignora que um dos principais motivos do brilho literário de *I-Juca-Pirama* decorre da brevidade e contenção de sua narrativa, diretamente derivada da estrutura enxuta e elíptica de *O Uruguai*” TEIXEIRA, Ivan, *Obras Poéticas de Basílio da Gama*, pp 25-26.

Outro detalhe para o qual Teixeira chama atenção está em que, aos 28 anos, Basílio da Gama já viajara muito e passara por várias vicissitudes e conflitos de ideologias, coisa que lhe evidenciaria as flutuações nos padrões literários e políticos e, conseqüentemente, lhe daria maior liberdade de criação; sim, sua infância e adolescência foi junto aos jesuítas, depois Basílio experimentaria a influência do Arcadismo brasileiro e italiano – tudo isso

permeado com uma influência iluminista que também o ajudaria a aderir ao pombalismo. Outros fatores decisivos para a concepção de *O Uruguai* foram a convivência com militares e o decorrente sentimento nacionalista.

A obra foi traduzida para o inglês por ninguém menos do que Richard Burton sob o título de *A Historical Romance of South America*. Segundo Teixeira, Burton, como observador externo, discerniu a amplitude da obra a qual transcende a dimensão nacional para apresentar o avanço da Europa sobre a América. Também Antônio Cândido veria nesse romance o choque entre o velho e o novo mundo. Basílio da Gama não abordaria apenas a agressão militar dos espanhóis e portugueses contra os índios, mas também a agressão espiritual dos jesuítas apresentada como escravidão não só física, mas também anímica. Tomar partido contra a Companhia de Jesus na Europa setecentista era atitude ousada e progressista ainda que também apoiada na ascensão da burguesia e do iluminismo. Os jesuítas, ao contrário, não aceitavam as teorias de Galileu e tampouco as de Newton; seu dogmatismo religioso os aproximava do obscurantismo, ainda que nos níveis básicos da educação realizassem extraordinária obra no Sul do continente. A obra é ambivalente, pois se externamente toma partido do pombalismo, internamente fica clara a simpatia e até exaltação pelo cenário local e pelos índios. Outras características que fugiriam ao estilo épico são o espaço para a sátira de um lado e a ausência de elementos mitológicos, do outro, provavelmente também por influência do racionalismo iluminista. Segundo Teixeira a defesa do déspota português por Basílio caminhava ao lado de uma brasilidade e americanidade. Sua obra cresceu com o tempo e, com isso, resultou em réplica, 18 anos mais tarde, escrita pelo padre jesuíta Adolfo Kaulen sob o título de *Resposta Apologética ao Poema Intitulado O Uruguay, Composto por José Basílio da Gama, e Dedicado a Francisco Xavier de Medonça Furtado, Imão de Sabastião José de Carvalo, Conde de Oeyras e Marex de Pombal*. Claro está que esse livro é escrito em defesa dos jesuítas e procura desqualificar tanto a obra quanto o seu autor, sobretudo por ingratidão. O que Kaulen não poderia prever é que estaria ajudando a consolidar a biografia do desafeto e também a tornar pública a controvérsia entre os jesuítas e a nova ordem portuguesa.

Segundo Ivan Teixeira O Uruguai também surge como referencial para a poesia e a literatura nacionais numa espécie de vitalidade juvenil renovadora e, quase um século mais tarde, José de Alencar teria se valido desses conceitos de um nacionalismo romântico nascente em sua obra, *O Guarani*. O mesmo tipo de influência seria observado em *Os Timbiras*, de Gonçalves Dias, publicada também em 1857. Ambos os autores procurariam, de acordo com Teixeira, buscar nos nativos brasileiros o suporte e a coragem que servissem de exemplos para o Segundo Reinado e a sociedade brasileira em formação. Assim a obra de Basílio da Gama se mostraria presente em vários momentos do Romantismo brasileiro como, por exemplo, “na *Confederação dos Tamoios* (1856), de Gonçalves de Magalhães, que em seu livro de estreia (*Poesias*) teve o capricho de compor uma paráfrase completa da morte de Lindoya, que é, como se sabe, o episódio mais celebrado de *O Uruguai*. José de Alencar, em suas brilhantes *Cartas sobre a Confederação dos Tamoios* (1856), teve oportunidade de demonstrar o retrocesso do poema de Gonçalves de Magalhães relativamente ao de Basílio da Gama. Aí, o romancista realça a existência de inúmeras fórmulas extraídas de *O Uruguai*” *op cit* p. 26.

Assim este poema brasileiro exerceria, conforme Teixeira, grande influência na posterior criação poética e literária nacionais. Ele cita ainda o poema de Manuel de Araújo Porto-Alegre, *Colombo*, que, apesar de permeado por outras influências, apresenta o verso em decassílabo branco, além de tonalidade, ritmo, sintaxe e prólogo inspirados na obra de Basílio da Gama. Todavia o exemplo mais evidente vem do cotejamento do primeiro verso de *O Uruguai* e do poema *Colombo*:

Fumam ainda nas desertas praias  
Troam na Ibéria os hinos da vitória

Segundo Teixeira “Nenhuma das grandes epopeias clássicas inicia-se por um verbo, como ocorre nesses casos, sendo claro que tal procedimento é inovação de Basílio da Gama. É também novidade basiliiana a abertura do poema pela descrição dos efeitos da ação louvada pelo texto em *O Uruguai*, a desolação provocada pela Guerra Guaranítica; no *Colombo*, os festejos da expulsão dos árabes da Península Ibérica, em meio aos quais o navegador genovês apresenta aos reis da Espanha sua proposta de viagem”. *Op cit*, p. 27.

O autor também afirma que Machado de Assis assimila do Uruguai o estilo elegante. Machado veria, como maior mérito na obra, o afastamento do Arcadismo europeu e a aproximação do índio na nossa literatura. Em sua obra *Ocidentais*, compõe dois sonetos sobre o tema; eis um deles, redigido em 1895 pelo centenário da morte de Basílio da Gama:

Vem, vem das águas, mísera Moema,  
Senta-se aqui. As vozes lastimosas  
Troca pelas cantigas deleitosas,  
Ao pé da doce e pálida Coema.

Vós, sombras de Iguassú e de Iracema,  
Trazei nas mãos, trazei no colo as rosas  
Que amor desabrochou e fez viçosas  
Nas laudas de um poema e outro poema

Chegai, folgai, cantai. É esta, é esta  
De Lindoya, que a voz suave e forte  
Do vate celebrou, a alegre festa.

Além do amável, graciosa porte,  
Vede o mimo, a ternura que lhe resta.  
Tanto inda é bela no seu rosto a morte!

Teixeira mostra que a Lindoia é dada a primazia de receber num mundo místico as outras personagens femininas indígenas da literatura brasileira. Também noutro momento da sua obra Machado de Assis apresenta Iracema que ascende até Lindoia, numa clara alusão à precedência e importância da obra de Basílio da Gama. Outro autor inspirado no poema seria Oswald de Andrade em sua obra *Memória Sentimentais de João Miramar*, pois, segundo Teixeira, seguiria o padrão de “concisão de frase, brevidade do enredo e feição metonímica da narrativa” *op citp* p 31.

Um aspecto importante da obra para o qual Teixeira chama a atenção é o estilo assindético da obra (sem encadeamento). No canto III, por exemplo, após o extermínio de um batalhão de índios, o general português Gomes Freire de Andrade chega às planícies do Rio Uruguai, e abruptamente o poeta passa a falar da natureza da região e dos hábitos agrícolas dos seus habitantes e, também repentinamente, passa a falar sobre os conselhos dados a Cacambo pelo fantasma de Sepé. Não há discurso de transição entre essas três passagens. Só a compreensão final da obra permite a compreensão de que

esse estilo propicia a surpresa e simplicidade de obra. Essa técnica vai de encontro com a experiência europeia de então e, por isso, arranca elogios de Oswald de Andrade quanto à sua criatividade. Segundo Teixeira, outra coisa elogiada por Oswald de Andrade foi a combinação de brevidade e poder de significação do poema. Seria justamente a sua brevidade o seu fator de consagração ante a insistência na cópia do modelo camoniano, extensa demais para a época, na poesia brasileira. De acordo com o autor, Basílio da Gama soube como ninguém interpretar o próprio poema à medida que o desenvolvia. Estaria assim sintetizada a agressão europeia aos povos da América do Sul, tratar-se-ia portanto da metonímia da nossa história continental para sua redução a uma parte.

Claro está, de acordo com Teixeira, que a obra possui vários outros aspectos, alguns de natureza místico-religiosa como, por exemplo, as visões propiciadas pela xamã (feiticeira) Tanajura que, pela sua magia, proporciona a Lindoia visões do terremoto em Lisboa e a reconstrução da cidade por Pombal. A sua condenação à morte pelo fogo remonta aos autos-de-fé da inquisição. Outro aspecto simbólico da obra é o seu elemento trino: três vezes Sepé se levanta diante do seu executor, o governador de Montevideu; três vezes Caitetú retesa o arco contra a serpente que envolve sua irmã; três vezes Tanajura gira e murmura ao invocar seus feitiços; três são os heróis da história (Andrade, Cacambo e Sepé); três são os vilões (Balda, Tedeo e Patusca); três são os homenageados pelo poema (Pombal, Francisco Xavier e Paulo António). O canto quinto apresenta um discurso próximo ao da atual teoria de conspiração, pois aos jesuítas são atribuídas perfídias e crimes através da História, tais como o assassinato dos soberanos Henrique III e Henrique IV da França, a explosão do Parlamento britânico e, até, o desaparecimento de D. Sebastião em Elcácer-Quibir. Tudo isso é representado pelas pinturas na abóbada remanescente da igreja incendiada. Basílio usa essas imagens como arquivo, prova viva, do desejo de poder e perfídia da Companhia de Jesus. O tema das pinturas é recorrente nas epopeias, mas no Uruguai não busca a grandiosidade de uma época e sim a prova da indignidade do inimigo.

Ainda segundo Ivan Teixeira os motivos dessa guerra não estariam apenas na renitência jesuítica em devolver suas terras à Espanha e a Portugal,

mas também na rivalidade, presente mesmo entre 1580 (união dos Portugal à Espanha pela morte de D. Sebastião [sem herdeiros]) e 1640 (restauração da coroa portuguesa). O interesse pela produção de couro e pelos metais preciosos é sempre motivo de disputas territoriais entre os dois Estados. Mesmo após os massacres dos indígenas não foi alcançado o objetivo de ceder a Colônia de Sacramento à Espanha e, tampouco, Portugal tomou posse do território dos Sete Povos das Missões.



## CONCLUSÃO

O distanciamento da visão faculta maior visão global e menos paixão. Estamos, como foi dito, a dois séculos do Uruguay. Hoje o peso de um resgate histórico nos leva a encarar com mais respeito e simpatia a causa dos indígenas, e a encarar os métodos de colonização jesuíticos como menos desumanos.

Naquela época matar um não-branco em nome das coroas ibéricas parecia algo perfeitamente natural, mesmo que este fosse cristianizado. A luta pela consolidação do poder mostrava seu lado mais cru. Tudo surgia como desafio à implantação do poder português: a Natureza, os índios, os jesuítas (cristãos corrompidos) e até os aliados de momento, os espanhóis. O ato de se escrever em nível literário dificilmente nasceria de capricho individualista. O escritor subsistiria pela vassalagem ao poder dominante, ou em ascensão. Basílio da Gama negava seu berço na Companhia de Jesus ao produzir uma literatura favorável ao pombalismo. O elemento extraordinário da obra está em que ela adquire força própria e se impõe ao seu criador. A tensão entre portugueses, jesuítas e espanhóis cede gradualmente espaço ao confronto entre europeus e nativos. O embrião de brasilidade do Uruguay se manifesta não só na exaltação da nobreza e valor guerreiro dos índios, mas também no louvor a uma Natureza e paisagem evidentemente diferentes da europeia. Em momento algum Basílio tenta recriar uma Arcádia aqui em terras do Sul.

No ser humano mediano a dúvida pode levar à indecisão, ao impasse; em Basílio da Gama ela potencializa a criatividade. Sua obra apresenta aspectos dicotômicos entre iluminismo e fé católica; defesa da coroa e seu exército paralela à exaltação do heroísmo indígena; contraposição de cenários e Natureza sul americanas ao cenário árcade da Europa meridional.

## BIBLIOGRAFIA

CÂNDIDO, Antônio. **Brigada ligeira e outros escritos**. São Paulo: Unesp, 1992.

HANSEN, João Adolfo. **Multiclássicos épicos**: prosopopéia, o uraguay, caramuru, vila rica, a confederação dos tamoiós, I-Juca Pirama São Paulo: EdUSP, 2004.

TEIXEIRA, Ivan. **Obras poéticas de Basílio da Gama**: ensaio e edição crítica. São Paulo: EdUSP, 1996.